

Campinas na era da arte

Centro de Convivência — Desde a inauguração do Centro de Convivência Cultural de Campinas, em 9 do corrente, nossa cidade está tendo todas as noites espetáculos de Arte, de um modo geral excelentes. Não assisti a dois deles, o de 12, com o pianista Ilan Rogoff e o de 16, com Eghberto Gismonti, apresentando músicas populares brasileira. Dos que assisti, durante essa primeira semana de atividade só um me decepcionou. Foi o de domingo, em que se apresentou o grupo "Art Dance", balê de Halina Biernaska, que, não obstante as suas deficiências, foi aplaudido por um público numeroso. Por falar em público, nossa gente está se interessando muito por Música, como se pode verificar pelo número de pessoas que tem comparecido aos concertos do Centro de Convivência Cultural de Campinas. Este tem tido seu teatro com lotações exgotadas em alguns dos concertos nele realizados. Dia 15 houve gente, que comprou entrada para sentar-se no chão para ouvir o excelente pianista Paul Badura Skoda. É verdade que mais da metade da casa tinha sido reservada pela Bosch, que deu um belo presente a Campinas, trazendo até nós esse mago do teclado, que é Paulo Badura Skoda. Mais habituado à ópera, à música sinfônica, e ao piano, o público campineiro não afluí em massa a concertos de outros gêneros. Assim, a assistência que compareceu ao concertos de canto e piano, com o soprano Victoria Kerbauy e Almeida Prado, esse jovem, mas já internacionalmente consagrado compositor e pianista, que presta seu concurso como professor, ao Departamento de Música, do Instituto de Artes, da UNICAMP, não foi grande.

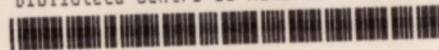
Em 12 e 14, tivemos no Centro de Convivência Cultural de Campinas, Turibio Santos, violonista de reputação internacional e o Quarteto da Guanabara, o conjunto carioca em que o violoncelista campineiro Iberê Gomes Grosso participa, ao lado do violista Stephany, da violinista Mariucia e do pianista Arnaldo Estrella. Foi, pois, muito ativa a parte musical da semana que se findou em Campinas. Hoje, a Sinfônica.

Artes Plásticas — dia 13, inaugurou-se a Galeria de Arte, do Centro de Convivência Cultural de Campinas, com a exposição que

ficará aberta até 7 de novembro. Com o título de Aspectos do Modernismo", essa exposição reúne quadros de grandes nomes da pintura moderna no Brasil. Na Pinacoteca Municipal, a exposição de Volpi.

Uma revelação campineira: Micoli — Não disponho de espaço para escrever sobre essa nova estrela — José Roberto Micoli —, que veio enriquecer a constelação artística campineira. Voltarei ao assunto noutra ocasião. Limito-me agora a recomendar os amantes das belas cousas da Arte uma visita à exposição desse jovem campineiro de 23 anos, autodidata apaixonado por assuntos orientais. É no saguão do SESC, na rua D. José I, no Bonfim. Vale a pena. É um talento que se revela, trazendo quadros executados com a técnica "Ecoline". Quem quiser conhecê-lo pessoalmente, deve ir aos sábados ou domingos, dias em que passa em Campinas, pois trabalha em São Paulo como decorador. Seus quadros são lindos, cheios de poesia, inspirados nas "Mil e uma noites" e na "Mitologia Grega e Hindu". Ele os vende ao preço de Cr\$ 600 a mil cruzeiros. Campinas precisa conhecer e prestigiar esse talento jovem, filho da terra.

"Uma carruagem para dona Borboletinha" — Eis aí uma peça infantil, que agrada e faz divertir também os adultos, pela sua beleza plástica e humor. Fernando Grecco fez uma peça feérica e hilariante. Com cenários de Alberto Camarero, incrivelmente ricos de cores e um guarda-roupa exótico. A ação passa-se na cidade hipotética da Quimera, daí a liberdade com que o autor tratou o assunto, fazendo o casamento do vagalume com a borboletinha, o que no mundo real parece não ser possível. Sobre essa peça encenada no excelente teatrinho do SESC pelo grupo "PAM — Programações Artísticas", sob a direção de Abílio Guedes, voltarei a escrever, pois a turma do "PAM" está contribuindo eficazmente para a melhoria do nível artístico dos espetáculos para crianças e para... adultos. A capa do programa de "Uma carruagem para dona Borboletinha" é de autoria de José Roberto Micoli. A peça é vivida através do numeroso elenco do grupo "PAM", que representa, canta e dança. A bicharada presente nessa peça pode ser as-



sim catalogada: "Coloridinha, Grilo (papel representado pelo proprio autor da peça), Abeinuda, Mariposida, Zangão, Besouro Negro, Sauvina, Pirlampo, Borboletinha, Esquilo, Yayá Mosquita, Madame Besourita, Chaquel e Vovó Borboleta.

Freudiana, mas fácil de entender — Estou encantado com o talento de Amadeu Tilli, que admiro desde há muito. Deveria falar em primeiro lugar sobre o excelente trabalho de Malu, protagonista da peça "Libel — A Sapateirinha", de Jurandir Pereira. Quero enfocar antes a maneira pela qual o diretor soube por de pé uma peça fácil de entender, mas difícil de realizá-la pelas dificuldades técnicas que oferece. Aqui, entra Amadeu Tilli como ator. Sua versatilidade é incrível. Representa seis personagens, compondo-os adequadamente. Um do mundo real — o sapateiro Felício — e os outros cinco — Cogano, Sr. Beleleu, Soldadinho de Chumbo, Polichineo e Pedro Moleque —, no plano onírico. A ação passa-se em menos de cinco por cento da peça no mundo real. O restante é no mundo do sonho, durante o qual Libel resolveu os seus problemas. É uma peça que deve ser assistida por adultos, que se interessam por problemas humanos, como os abordados por Freud. O fato de poder ser assistida pelo público com interesse específico pela Psicanálise, "Libel — A Sapateira" não é uma peça pretenciosa. Ao contrário. As crianças a assistem atentamente e a aplaudem, porque gostam. Sobre este ponto, voltarei a escrever, oportunamente. Vamos ao trabalho de Marilene Lopes, a nossa graciosa Malu, e de Marilce B. Santos, que desempenha dois papéis, um dentro do plano real, personificando a bondade, a velha freguesa cheia de compreensão, e a execrável "Bruxa", intransigente, autoritária e perversa. Com Tilli, essa duas atrizes constituem o trio responsável pela vida das nove personagens da peça. Os cenários, à moda do teatro antigo, feitos por Jurgensen, — reproduzindo a realidade e distorcido no sonho — são fatores da criação do clima da peça. Os figurinos são de Fernando Grecco. Essa peça continuará em cartaz, aos sábados às 16 horas, e aos domingos, às 10.30 e 16 horas, devendo ser apresentada brevemente em benefício de uma creche de Campinas.